

Uma certeza: o trabalho de 8 anos será reconhecido

Dos oito anos na Presidência, sete Fernando Henrique passou em território brasileiro. O restante foi tomado pela soma das 106 viagens internacionais.

— Eu já tive medo de avião — contou FH, com jeito de quem sabe estar fazendo uma revelação espantosa.

Não restou qualquer vestígio da fobia. Embora prevaleça a sensação de que o presidente viajou mais pelo exterior que pelo próprio país, ele fez, em oito anos, 535 incursões domésticas. Nas derradeiras, visitou pela terceira vez o Acre, onde inaugurou a rodovia que liga o Brasil ao Peru (e à costa do Pacífico); vistoriou as obras de duplicação da Usina de Tucuruí e assistiu a uma dança de índios em homenagem ao Grande Chefe Branco.

Em certos momentos, pareceu tão animado quanto uma criança que descobriu o brinquedo no porão da própria casa.

— Daqui a alguns anos, o país reconhecerá o que foi feito em termos de obras físicas — garantiu. — Foram rodovias internacionais, usinas, pontes rodoviárias, uma coisa enorme. Isso ainda vai demorar a aparecer.

Ele se mostra contente com o que, a seus olhos, já é reconhecido.

— O controle da inflação, a estabilização da moeda, os resultados das privatizações, esses avanços até gente da oposição começa a admitir — alegrou-se FH durante a conversa. — E o processo de transição demonstrou que a democracia brasileira está mais sólida que nunca.

Orgulha-se de obras sobre as quais prefere guardar a mesma discrição sem ruídos com que foram executadas. Uma delas foi ter exorcizado, com a criação do Ministério da Defesa e a nomeação de um civil para chefiá-lo, demônios que passaram décadas assombrando quartéis — e sobressaltando com freqüência o restante do país.

— As Forças Armadas, reunidas num ministério, tem o segundo entre os maiores orçamentos. Só a verba para a Saúde é superior — registrou FH.

Pertencente a uma família repleta de fardas, conhecedor da influência dos militares na história republicana, poderia vangloriar-se de ter liberado Lula da nomeação de ministros militares. O Exército, a Marinha e a Aeronáutica, hoje, têm comandantes escolhidos por critérios quase burocráticos.

— Visitei praticamente todas as guarnições do país — informou.

Poderia acrescentar que houve providenciais mudanças de endereço. As maiores fatias do Exército, antes concentradas no Sul e no Sudeste, foram deslocadas para regiões de fronteira, principalmente no Oeste. Lula deverá mobilizar essas tropas no combate ao narcotráfico.

Medo, FH diz ter sentido apenas em janeiro de 1999, quando a desvalorização da moeda e a crise cambial anunciaram a possibilidade de



naufrágio do Plano Real.

— O Malan quis sair, por achar

que tinha fracassado — confirmou.

— Não deixei, embora muita gente desejasse a saída dele, gente do próprio governo. Ou por discordar das suas idéias ou por querer ocupar o cargo.

O ministro Pedro Malan continuou na pasta da Fazenda. Só ele e Paulo Renato Souza, ministro da Educação, ficaram oito anos no mesmo lugar (além da superassessora Ana Tavares, uma grande ministra sem pasta). Ninguém mais testemunhou tão de perto a história dos dois mandatos.

FH gostou de ambos.

— Sem o segundo, não teria podido promover avanços relevantes na área social — insistiu. — Posso ter prejudicado meus índices de popularidade, mas a avaliação final será feita pela História.

Ele traz alguma amargura ao recordar episódios que considera “absurdos”.

— O chamado caso Cayman, que não passou de falsificação grosseira, ficou tempo demais no noticiário da imprensa. E essa história de compra de votos para a aprovação da reeleição é inaceitável. Alguém pode até ter comprado. Mas não ti-

ve nada a ver com isso.

O certo é que FH sai feliz. Tanto assim que anda distribuindo agrados a desafetos antigos e recentes, como Itamar Franco, Antônio Carlos Magalhães e José Sarney. Disse que Itamar foi o patrono de sua primeira candidatura à Presidência. E ressaltou que ACM, embora seja um “oposicionista duro”, teve participação decisiva em embates no Congresso.

Quanto a Sarney, passou a apresentá-lo como bom escritor.

— Li Saraminda — comunicou FH. — E gostei.

Emitiu tal parecer sem sorrir.

MOMENTOS DA JORNADA: Com Itamar Franco, em 1993 (ao alto). No palanque, com Lula, em 1978 (ao centro). Lula e a mulher, Marisa, conhecendo a Granja do Torto (ao lado) como hóspedes de Fernando Henrique.